

## **Jornalismo sob ataque: Um estudo sobre gêneros e estratégias para manter a credibilidade<sup>1</sup>**

Ana Carolina Rocha Pessoa TEMER<sup>2</sup>

Simone Antoniaci TUZZO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Goiás - UFG, Goiânia, GO

### **Resumo**

Esta análise busca uma reflexão sobre o material jornalístico veiculado no Brasil na contemporaneidade, e que, em função de vários elementos contextuais, tem sido criticado por representantes de órgãos públicos e eventualmente confrontado com informações sem formatação ou chancela de empresas ou de jornalistas, que divulgam fatos nem sempre verdadeiros. A partir destas ações, o jornalismo tem buscado estratégias para o reforço da sua credibilidade, qualidade atribuída aos veículos jornalísticos a partir da valorização de seu compromisso com a realidade/verdade. Tradicionalmente, essas ações se inter relacionam com os usos estratégicos dos gêneros jornalísticos, mas assumem novos aspectos em tempos da crise que se tornou ainda mais crítico com a pandemia do novo corona vírus, denominada Covid-19.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Covid-19; Gêneros Jornalísticos; Comunicação.

### **Introdução**

A atividade jornalística, em função de suas determinantes fundamentais – tornar público fatos verdadeiros e de interesse público, denunciando e publicizando todos os tipos de desvios de condutas e ações que possam trazer prejuízos para a sociedade – se caracteriza por uma constante tensão com o Estado, sobre o qual exerce a função de comentador e fiscalizador.

De fato, a democracia é, em si mesma, uma pré-condição para existência de um jornalismo efetivamente livre e capaz de agir no sentido de acompanhar de forma crítica

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo - GP Gêneros Jornalísticos, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Doutora e Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo e Bacharel em Jornalismo pela (ECO/UFRJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pesquisadora do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia (UFG). E.mail: anacarolina.temer@gmail.com

<sup>3</sup> Pós-Doutora e Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ); Mestre em Comunicação Social e Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pesquisadora do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia (UFG). E.mail: simonetuzzo@ufg.br

---

as ações do Estado e dos representantes do poder público. A forma contemporânea do jornalismo tem suas raízes ligadas a um modelo de capitalismo industrial, à urbanização e ao consumo de informações, mas sempre foi vista pelos representantes do poder público com desconfiança e ainda que eventualmente alguns discursos valorizassem sua independência ou importância, a preocupação com um possível olhar vigilante da imprensa é um elemento sempre presente nas democracias modernas.

Para uma contextualização histórica, destacamos que esse artigo foi produzido no primeiro semestre de 2020, em meio à pandemia provocada pelo novo corona vírus, denominado de Covid-19 que assolou o mundo e o Brasil em especial, e colocou as pessoas em situações de confinamento e passou a pautar diariamente nos noticiários as necessidades de controle de saúde; a criação de vacinas que necessitam de investimentos em pesquisas; e inúmeros cuidados de proteção, fechamento de estabelecimentos que sugerem aglomerações e fez com que a sociedade fosse obrigada a se manter em um inesperado isolamento social.

Em diversos países do mundo o confinamento foi drástico, com fechamento de todos os estabelecimentos comerciais não essenciais, educacionais, industriais e sociais que fizeram com que as pessoas deixassem de circular por se verem diante de um iminente risco de morte, com forte controle do Estado em ditar e planejar as estratégias de controle do vírus. No Brasil, no entanto, diferentes propostas, prazos e adesões ao confinamento marcaram a situação de Estados e Municípios. A questão se tornou ainda mais sensível pela falta de uma coordenação integrada, que embora tenha sido pontualmente assumida pelo Ministério da Saúde do Governo Federal, não foi efetiva na maior parte da crise.

Assim, a preocupação com um possível olhar vigilante da imprensa, assumiu novas proporções em função da crise sanitária provocada pela Covid-19, por defender, com maior ou menor ênfase, as recomendações da Organização Mundial da Saúde e uma abordagem mais científica, gerando conflitos e um confronto crescente com a posição assumida pelo Presidente da República Jair Bolsonaro que minimizou a importância da doença, defendendo ações alternativas, indicando medicamentos que contrariam a posição de autoridades da área da saúde ou simplesmente se posicionando com indiferença frente ao crescente número de infectados e mortes do País, uma vez que considera o contágio e a morte de grande parte da população simplesmente inevitável.

Em poucos dias a crise sanitária assumiu a proporção de uma crise política, desta vez em função do desacordo entre o Presidente Bolsonaro, Governadores de diferentes

---

estados da União ou Prefeitos de algumas cidades. O conflito tem reflexos nos poderes Legislativo e Judiciário, com críticas de ambos ao Executivo e, na mesma proporção, críticas do Executivo aos outros poderes constituídos.

As questões se agravam com a constante troca de ministros na pasta da Saúde, evidentemente fundamental, no enfrentamento da situação, mas também na pasta da educação, com debates sobre a necessidade de continuidade da oferta de educação formal em meio à necessidade de confinamento e eventual ensino à distância, bem como problemas econômicos, com boa parte da população, tendo dificuldades em manter os empregos e a renda; e empresários com riscos de falência de seus negócios.

Diante da situação, a cobertura jornalística destes fatos ampliou uma relação conflituosa com o Poder Executivo, que além de críticas diretas à imprensa faz referências nominais às empresas jornalísticas e até a alguns profissionais específicos, o que por sua vez potencializou o ânimo de parte da população, que partiu para ações de violência verbal e até física contra profissionais de imprensa em um país que já estava dividido ideologicamente desde as eleições e posse do Presidente Jair Bolsonaro.

Vale destacar, que a relação do então candidato Jair Bolsonaro com a imprensa sempre foi conflituosa, e desde a época das eleições de 2018 ele manifestou desconfiança sobre vários órgãos de imprensa, optando por produzir informações em redes sociais, opção que se manteve após a eleição e constituição de seu governo, contudo, prolongando-se com a exposição de informações contraditórias sobre a pandemia, mesmo quando o Brasil assumiu a indesejável posição de segundo país mais afetado no mundo.

O conjunto destas ações desperta questionamentos sobre as estratégias que a imprensa tem adotado para manter seu status e reforçar sua credibilidade. Nesse sentido, busca-se neste estudo uma reflexão sobre a relação da credibilidade com o uso estratégico de características específicas dos gêneros jornalísticos, especificamente nas situações em que os profissionais de imprensa estão no centro de conflitos com autoridades, com o Poder Público ou com a opinião pública.

### **Credibilidade e jornalismo: revendo a questão**

A atividade jornalística, que genericamente convencionamos chamar de imprensa, detém um *poder simbólico*, que pode ser compreendido a partir de sua capacidade ou possibilidade de divulgar para o grande público informações selecionadas e/ou opiniões

---

e impor narrativas sobre os fatos, o que por sua vez influencia a percepção da sociedade sobre os acontecimentos.

Contudo, a imprensa em si não é neutra. Particularmente nos modelos capitalistas periféricos, como é o caso do Brasil, essa imprensa tem relações verticais que envolvem o controle de diferentes veículos por grandes empresas midiáticas com interesses políticos e econômicos, que afetam a qualidade da informação. Essa aparente contradição, uma vez que o princípio básico é o relato de fatos verdadeiros, de forma clara e objetiva, oblitera relações complexas, que envolvem a exposição seletiva de conteúdos, mas também o uso controlado de diferentes gêneros jornalísticos, que organizam e categorizam as informações, direcionando a percepção da sociedade e dos fatos.

Entender essas relações envolve, portanto, compreender a utilização estratégica dos diferentes gêneros jornalísticos que, em um processo de permanente adaptação, subdivisões e classificações, funcionam como contratos de leitura<sup>4</sup> que facilitam a elaboração dos conteúdos, mas também a recepção destes conteúdos, em um processo de pré classificação e facilitação da compreensão. Os gêneros jornalísticos se relacionam com um atributo básico do jornalismo, a credibilidade, qualidade e/ou característica de quem ou do que é crível, de quem possui confiabilidade, fiabilidade e confiança.

No jornalismo, a credibilidade se vincula à valorização de seu compromisso em relatar a realidade/verdade, sendo uma condição básica para que os receptores aceitem as informações veiculadas como verdadeiras. É a partir da credibilidade, da condição de confiança no jornalismo como fiador da verdade, que os receptores valorizam a atividade da imprensa como algo essencial para a democracia, uma vez que exerce um papel de fiscalização dos poderes públicos, sendo um elemento importante para o seu cotidiano.

A credibilidade, portanto, é o "capital simbólico do jornalismo" (SODRÉ, 2009, p.42), e consequentemente as empresas trabalham no sentido de ampliar esse capital, o que na prática representa manter e ampliar as condições materiais para sua existência. Usar de forma estratégica os gêneros jornalísticos é parte importante destas ações. Neste sentido, este trabalho analisou, a partir das características dos gêneros jornalísticos, aspectos significativos dos conteúdos jornalísticos de três diferentes matérias que envolvem agressões a jornalistas.

---

<sup>4</sup> Contrato de leitura são regras, estratégias e políticas de sentidos que organizam os modos de vinculação entre as ofertas e recepção dos discursos midiáticos e se formalizam nas práticas textuais enquanto que constituem o ponto de vínculo entre produtores e usuários. (FAUSTO NETO, Antônio et al, 2010)

---

Uma vez que se relaciona com grandes conglomerados midiáticos/econômicos, o jornalismo se insere nas relações de poder, que envolve um diálogo, quase nunca totalmente amigável, com o Estado. Além disso, o jornalismo trabalha com o sensacional e tem sua atenção voltada para as ações do poder público, e parte de suas ações envolve a denúncia do que foge às normas ou fere as leis, podendo gerar conflitos.

De fato, mesmo durante o Governo Militar, período no qual a liberdade de imprensa era limitada, e até mesmo dentro de empresas que apoiavam esse regime, existiram esses conflitos. No entanto, os contornos deste conflito assumiram novas proporções no Brasil contemporâneo, com ataques direto à imprensa e suas repercussões entre militantes e seguidores diversos.

### **Base teórica ou estratégias para a análise**

São muitas as ações desenvolvidas pelo jornalismo para manter/ampliar a sua credibilidade e seu uso se relaciona com as condições técnicas, sociais e históricas de diferentes veículos. Sobretudo, o uso dos gêneros envolve os interesses, imediatos ou não, de diferentes veículos, aí incluído interesses políticos.

Considerados estes aspectos, entretanto, a análise de um modelo ampliado do jornalismo contemporâneo no Brasil aponta alguns elementos estratégicos relativamente à neutralidade/objetividade do relato, em geral reforçado pelo uso do *lead* clássico. Ainda que Tuchman (1999) veja na objetividade jornalística um tipo de ritual estratégico que ancora as justificativas dos profissionais e organizações jornalísticas para as rotinas de produção, neutralizando antecipadamente possíveis críticas, a neutralidade e a objetividade são conceitos que se disseminaram juntamente com o positivismo e, em termos práticos, refletem uma proposta de aproximação do jornalismo com o rigor científico. Na prática, a relação neutralidade/objetividade é reforçada pela exatidão dos dados, pelo rigor dos números, pela narrativa detalhada.

A lógica interna do relato, que facilita a leitura e torna o material jornalístico é circular: os fatos/acontecimentos apresentados se inserem na tríade causa(s), fato e consequência(s)<sup>5</sup>. Essa estratégia facilita a dramatização do relato noticioso, mas também permite ao jornalismo se impor como intérprete do mundo e das próprias relações sociais e políticas.

---

<sup>5</sup> Essa relação é traduzida no jargão jornalístico como “matérias redondas/ redondinhas”

---

A partir desta estratégia também o jornalismo determina que o fato narrado é importante por ele mesmo, mas também em função das suas consequências.

O testemunho do próprio jornalista/repórter, é creditado como verdadeiro. A verdade vista pelos olhos dos jornalistas é narrada de forma a reconstruir imagetivamente o fato (mesmo em veículos que não tem imagens), fornecendo detalhes que funcionam como fiador da veracidade do relato. Mas o aspecto testemunhal também atribui *status* aos jornalistas, que tendem a ser vedetizados<sup>6</sup> e alçados a situação de especialistas.

Além dos testemunhos dos jornalistas, a credibilidade jornalística é reforçada pelo uso estratégico das fontes, ou pelo relato de pessoas que estavam presentes, ou pelo uso de fontes oficiais – porta vozes de diversos níveis ligados ao Estado e às instituições diversas, e por especialistas em áreas específicas (médicos, engenheiros, técnicos diversos) que explicam situações e acontecimentos. Outro elemento de reforço é a busca pela exatidão científica, apontada como elemento que não pode ser manipulado, o que envolve citações de estudos e pesquisas acadêmicas, que explicam e reinserem os fatos em uma lógica de probabilidade, ação e consequência. A inserção destes dados, com a citação de números, gráficos ou porcentagens, reforça a veracidade das afirmações.

É importante acrescentar que a descrição destes aspectos tem apenas um caráter didático, uma vez que estes elementos tendem a aparecer somados e sobrepostos. No entanto, estes são elementos que interferem na formatação e utilização dos gêneros jornalísticos, especialmente quando vinculados a assuntos que afetam a credibilidade da empresa jornalística e da própria atividade jornalística.

### **Repensando os gêneros jornalísticos**

A palavra gênero deriva do latim *genus/generis* (família, espécie), mas desde a Grécia clássica se usa o termo para classificar os diferentes tipos de discurso. Gênero, portanto, diz respeito a categorias ou constructos modelares a partir dos quais podemos agrupar trabalhos semelhantes.

O gênero jornalístico funciona como um contrato que direciona o olhar do leitor, predeterminando e classificando temas e assuntos. Desta forma o gênero funciona como um contrato de leitura; “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada,

---

<sup>6</sup> O conceito de vedetização remete a uma situação de espetáculo, no qual se destaca uma *vedete*, atriz ou dançarina que se destacava em apresentações artísticas, pessoa que fica em evidência diante de um grupo.

---

que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” (JODELET, 1989, 31-61).

Uma vez que os gêneros são, em si mesmos, “estratégias de comunicabilidade” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.301) e “[...] uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e a do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos” (MARTÍN- BARBERO, 1997, p.298), o conhecimento estrutural dos gêneros jornalísticos permite aos produtores de informações agir em função de um sistema de referência, uma identidade modelar, que facilita aos receptores reconhecer o texto, oferecendo uma leitura que fornece antecipadamente um contexto interpretativo, orientando as reações dos receptores.

Consequentemente, a compreensão dos gêneros jornalísticos possibilita análises mais amplas sobre estratégias de sua produção, ou uma estratégia de controle da produção, o que por sua vez envolve delimitar o conteúdo temático da mensagem, pelo seu estilo verbal, a seleção operada nos recursos da língua e por sua composição interna, mas também refletem suas estratégias para produção dos conteúdos. Desta forma a categorização a partir dos gêneros deve ir além do enunciado, buscando entender tipos modelares e relativamente estáveis de enunciados.

Em função destes aspectos, a análise sobre gêneros é um espaço importante para os estudos sobre o jornalismo. Essa tradição se inicia com Bakhtin (1993), e se renova na América Latina com Jacques Kayser (1953), e posteriormente com Marques de Melo (1992), Carlos Chaparro (2008) e Lia Seixas (2009), que realizaram classificações diferenciadas com base na intencionalidade natureza estrutural dos relatos.

Neste trabalho em especial, a base da análise tem como ponto de partida compreender essa dinâmica a partir da classificação dos gêneros jornalísticos introduzida no Brasil por Marques de Melo (1992), que identificava conteúdos informativos e opinativos. Essa dinâmica foi atualizada em 2010 por Melo e Assis, que propuseram a classificação do jornalismo a partir dos gêneros informativos, opinativo, analítico e diversional. Acrescenta-se ainda que a classificação propõe subdivisões, de tal forma que um gênero jornalístico se subdivide em formatos que têm características próprias e elementos definidores do gênero ao qual pertencem.

### **Estratégias de credibilidade a partir dos gêneros jornalísticos**



---

Diferentes gêneros utilizam diferentes estratégias para construir a credibilidade do seu conteúdo em relações complexas e dinâmicas, que são reelaboradas em função de diferentes contextos.

Em termos gerais o material que apresenta mais complexidade é o conteúdo classificado como informativo, que utiliza diferentes estratégias para reforçar a credibilidade, uma vez que tende a se focar no imprevisível, no que foge à norma ou quebra a ordem. Em função disso, o gênero informativo exige maior investimento em credibilidade, utilizando conjuntamente os recursos da neutralidade/objetividade, do relato lógico e do testemunhal. No material informativo predomina também um maior rigor nos formatos e na roteirização da produção, o que por sua vez atua como facilitador da produção da leitura e da compreensão do texto, tornando-o mais credível.

Apesar do deslocamento do repórter para o local do fato garantir o aval de sua veracidade, o uso do material testemunhal é necessário e estratégico, já que o jornalismo trabalha com o imprevisível, portanto recorrer a depoimentos de terceiros é essencial. Destaca-se, contudo, que cabe ao jornalista a competência para selecionar as fontes testemunhais. Ainda assim o jornalismo tende a atribuir diferentes *status* aos depoentes/entrevistados, e ao fazer isso controla o próprio relato do fato.

Um exemplo dessa relação é o depoimento dos especialistas, escolhidos em função do prestígio acadêmico, político ou mesmo da popularidade e fama, cujo objetivo é aumentar a credibilidade do fato e formatar a padrão lógico do relato, reforçando mais uma vez a sua credibilidade.

O uso combinado destes recursos afeta e é afetado pela sua destinação: o público que pretende atingir e a interferência que se pretende construir nestes públicos e na opinião pública.

### **Jornalismo sob ataque**

Diante desse cenário de contradições, agressões nas mídias sociais, divisão de opiniões na sociedade com claros ataques às opiniões divergentes, o Brasil se viu diante de um cenário ainda mais estarrecedor, quando repórteres passaram a sofrer uma onda de ataques verbais e físicos em suas atividades jornalísticas durante a pandemia.

Os principais ataques foram feitos durante a cobertura de manifestações nas ruas de vários Estados Brasileiros contra e a favor das ideias do presidente da república com relação à determinação de abertura ou fechamento de estabelecimentos públicos;



---

informações sobre uso de medicamentos; uso de máscaras; ou ainda sobre a normalidade do comércio diante de uma possível crise financeira agravada por eventual desemprego por conta da Covid-19. Contudo, também se registra ataques à jornalistas em atividades de rotina, em matérias que têm como tema a Covid-19. De forma corriqueira e quase diária, o presidente da república realiza ataques verbais à imprensa o que, de alguma forma, instiga e respalda os atos de agressão verbal e, mais recentemente físicas aos profissionais da comunicação midiática.

Este trabalho destaca três situações de ataques ocorridos no mês de maio de 2020, selecionados aleatoriamente, para exemplificar o discurso até aqui desenvolvido.

### **Episódio 1**

No dia 03 de maio de 2020, em ato realizado na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, o fotógrafo Dida Sampaio, do jornal *O Estado de S. Paulo*, foi agredido por bolsonaristas (defensores do presidente Bolsonaro), mas preferiu não registrar queixa por não ter lesões aparentes, contudo, segundo "O Estadão" de 04 de maio de 2020, após o incidente, Dida passou a ser alvo de boatos de bolsonaristas compartilhados no *twitter*.

Segundo o *Jornal O Globo* de 03 de maio de 2020:

Apoiadores do presidente Jair Bolsonaro agrediram jornalistas neste domingo, durante manifestação a favor do mandatário, em frente ao Palácio do Planalto, em Brasília. Um repórter fotográfico do *Estado de São Paulo* foi derrubado duas vezes, foi chutado e levou murros na barriga. Um motorista do jornal levou uma rasteira. Em nota, a Associação Nacional dos Jornalistas (ANJ) condenou os ataques aos profissionais e afirmou que os agressores atacaram frontalmente a própria liberdade de imprensa. (*Jornal O Globo* 03/05/20)

Sobre o episódio, o *Jornal Correio Braziliense* do dia 17 de maio de 2020 informou que "Segundo consta na ocorrência da Polícia Civil, o repórter fotográfico Dida Sampaio, fazia a cobertura da manifestação e estava tirando fotos do Presidente da República quando começou a ser hostilizado. Algumas pessoas teriam colocado bandeiras na frente da câmera, tentando impedir os registros. Na sequência, os manifestantes começaram a colocar a mão na lente da câmera e agredir o profissional. Dida que usava uma escada pequena para ter uma visão melhor, acabou sendo empurrado, caiu e bateu a cabeça no chão. A partir daí ele se levantou para tentar sair da aglomeração e começou a ser agredido com socos e chutes. A vítima ainda informou que em nenhum momento

provocou os manifestantes, apenas fazia o registro fotográfico da manifestação. Ele não quis ir ao Instituto de Medicina Legal (IML), pois informou não ter lesões aparentes".



Foto: Dida Sampaio, "O Estadão" 12 Jul 2020



Foto: Jornal O Globo 03/05/2020

O *Jornal O Globo* informou que nesse mesmo ato, além de Dida Sampaio, um motorista do jornal Estadão e um repórter do Poder360 também foram agredidos verbalmente e levaram chutes de um manifestante. Os três foram retirados do local em uma viatura, após os apoiadores de Bolsonaro os cercarem, enquanto gritavam palavras de ordem contra a imprensa, como "Globo lixo" e "fora Estadão".

Ainda segundo o *Jornal O Globo*, o ataque começou no momento em que Bolsonaro descia a ladeira da rampa para falar com os manifestantes e um grupo começou a entoar gritos contra a imprensa. Em seguida parte dos apoiadores se deslocou para onde os profissionais da imprensa estavam e endossaram as agressões. Neste momento, um repórter da Folha de São Paulo foi empurrado, ao tentar proteger um dos colegas.

Outro repórter fotográfico tentou socorrer o colega e também foi agredido. Um manifestante o empurrou e tentou pegar a câmera fotográfica. Na confusão, os óculos dele foram quebrados. A Polícia Militar foi acionada e fez um cordão de isolamento para proteger os repórteres. Mesmo com a proteção da PM, as agressões verbais continuaram e cessaram apenas no momento em que os profissionais foram retirados do local.

## **Episódio 2**

No dia 17 de maio de 2020 a repórter de televisão Clássica Oliveira, da *BandNews* foi agredida com uma bandeirada na cabeça, em Brasília, por Angela Telma Alves Berger, uma das apoiadoras do Presidente Jair Bolsonaro, que fazia parte de um grupo de manifestantes aglomerados em frente ao Palácio do Governo em um ato que teve a presença do próprio Presidente Jair Bolsonaro. O ataque foi feito com o mastro de uma

bandeira do Brasil enquanto a jornalista aguardava para gravar a matéria, sendo, em seguida, socorrida por outros manifestantes e seguiu trabalhando normalmente.



(Imagem: Reprodução/ BandNews)



(Imagem: Reprodução/ BandNews)

Em entrevista à *Folha de S. Paulo* no dia 18 de maio, a agressora declarou que “A bandeirada na repórter foi um acidente. Eu tava olhando os paraquedistas e me descuidei. Acontece, né? Já levei tantas bandeiradas. Quebraram até meus óculos. Porém, entendo que foi um acidente”. Já Clarissa disse à *Folha* que “Uma das manifestantes, apoiadora do presidente Jair Bolsonaro, circulava com uma bandeira, criticando os profissionais de imprensa e se referindo aos jornalistas como 'lixo'. Em determinado momento, ela me acertou com a bandeira na cabeça. Logo em seguida, ela se desculpou meio aos risos”.

Ainda segundo *A Folha de S. Paulo* (18/05/20), “no boletim de ocorrência registrado no domingo, a repórter relatou que a manifestante, com uma bandeira do Brasil na mão, vinha andando xingando e gritando com todos e, sem mais nem menos, ela chegou perto e bateu com o pau da bandeira em minha cabeça”.

Sobre esse episódio, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, pelo seu canal no Twitter, declarou solidariedade à jornalista dizendo: “É absolutamente inadmissível, que uma repórter, exercendo sua profissão, seja covardemente agredida por manifestante radical, que jamais saberá o real significado do direito de livre manifestação e da imprensa livre, um dos sustentáculos da Democracia”.

### **Episódio 3**

O cinegrafista Robson Panzera, da TV Integração, afiliada da Rede Globo na região de Juiz de Fora - Minas Gerais foi agredido no dia 20 de maio de 2020 em Barbacena por Leonardo Rivelli que foi preso em flagrante sob a acusação de dano qualificado e lesão corporal, tendo sido liberado após pagar fiança. Segundo o relato, o agressor chutou e golpeou o cinegrafista, chutou a câmera e gritou “lixo” durante os

ataques que ocorreram por volta das 11h30 da manhã, quando Robson gravava imagens externas da Escola Preparatória de Cadetes do Ar para uma reportagem sobre casos de alunos infectados pela Covid-19. Leonardo que passava de carro começou a xingá-lo, dizendo "globo lixo", enquanto o filmava com seu celular.

Segundo o cinegrafista em matéria divulgada pela Folha de S. Paulo do dia 21 de maio de 2020, "ele parou o carro e foi me filmar, já xingando, dizendo que a reportagem que eu estava fazendo era mentira. Disse que mandaria o vídeo para um grupo, onde tinha um monte de gente xingando e brigando com o pessoal da Globo". O homem continuou agredindo Robson verbalmente e disse que quebraria o equipamento. Nesse momento a repórter Thais Fulin, colega de Robson passa a filmar a cena que Robson tenta escapar com a câmera e o tripé nas mãos, mas é pego e o agressor chuta a câmera várias vezes.

Thais Fulin disse na mesma matéria divulgada pela Folha de S. Paulo que "a gente tem sofrido agressões verbais diariamente no nosso trabalho na rua, isso está sendo rotineiro. A gente está se acostumando, de uma forma errada, com as pessoas xingando na rua, falando "Globo lixo", mas hoje passou de todos os limites e ficamos assustados.

Na ocorrência registrada na Polícia Civil, Rivelli disse que "estava cansado de ver a TV espalhar terror e que, ao presenciar a reportagem no local, decidiu filmar".



Imagem Folha de S. Paulo - 21/05/2020

### **Os fatos antes dos jornalistas: algumas considerações**

Durante uma pandemia não controlada o Brasil se viu diante de uma crise com muitas ramificações, pois a crise na área da saúde desencadeou também crise na economia, no consumo, na política. Em tempos de crise é importante que a comunicação seja eficaz, desencadeada a partir de fontes confiáveis. Em princípio, esse deveria ser o papel da imprensa, por extensão, dos jornalistas.

---

Diferentemente desse comportamento, durante uma pandemia, a opinião pública viu um acirramento da radicalização manifestada durante a campanha eleitoral, na qual Jair Bolsonaro saiu vencedor, mas com uma margem relativamente pequena de votos. Em função disso, discursos de toda ordem nas redes sociais, que repercutiram nas mídias hegemônicas e na mídia internacional revelando um país dividido.

A pluralidade de manifestações, que em princípio deveria ser bem-vinda, somada à falta de coordenação das ações de combate à pandemia e contaminada pelo uso enviesado das redes sociais, gerou confusão e falta de orientação, a tal ponto que a própria OMS - Organização Mundial da Saúde por diversas vezes citou as dificuldades em lidar com a crise da saúde no Brasil.

Aparentemente um dos resultados dessa confusão foi o questionamento sobre a qualidade da informação veiculada pelas empresas jornalísticas. Mas o tema também levanta questionamentos sobre a reação destas empresas às ações manifestas por parte do público, repudiando a própria imprensa.

O acompanhamento sistemático das agressões aos jornalistas/jornalismo aponta que embora o tema enfatize comentários principalmente em matérias sobre política e a atuação do Presidente Bolsonaro, ao definir o corpus para este trabalho, verificamos apenas conteúdos informativos, em geral de caráter factual e com o tom de denúncia. Embora o material obedeça a linguagem característica do jornalismo, também fica claro o aspecto de indignação. No entanto, contrariamente à indignação indicada no texto, as repercussões do material são pequenas.

O aspecto mais evidente de *comprovação do fato* é o uso de imagens, mas também pela narrativa detalhada da situação, quase que conduzindo à visualização do acontecimento. As falas dos próprios repórteres são focadas a partir das declarações dadas às autoridades (como breves transcrições das queixas ou boletins de ocorrência), e mesmo quando a matéria jornalística é elaborada por outro profissional, eles não são colocados na condição de *entrevistados*. De fato, há poucas narrativas dos próprios jornalistas sobre o fato, o que induz à ideia de que o risco é inerente à profissão, mas também evidencia-se que o jornalista em si não participa do material (não se manifesta ou não é apresentado) na condição de vítima, mas como alguém que reage à agressão, o que indiretamente aponta a sua capacidade de defesa e a consciência da sua condição enquanto cidadão. Outro aspecto destacado é que ele foi agredido na condição de jornalista, e não como indivíduo defendendo qualquer tipo de posicionamento político/ideológico, o que

também aponta que o jornalista faz uma opção pelo risco (ou está consciente dele), o que se aproxima da ideia de que a atividade é vocacional (ou quase sacerdotal).

Ao apontar a agressão como uma ação contra o jornalista (e não ao cidadão ou ao trabalhador) as matérias remetem à ideia de que é o jornalismo (e não o indivíduo) que é o objeto da violência. Este elemento é reforçado pelos depoimentos dos entrevistados que destacam a importância do jornalismo, em detrimento ao absurdo da agressão em si. No entanto, fica claro que a presença de entrevistados, sempre alçados à condição de especialistas, agrega credibilidade ao material jornalístico.

Analisados em conjunto, o material aponta a objetividade como ritual estratégico não apenas para a valorização do jornalismo, mas como uma declaração antecipada de neutralidade na narrativa dos fatos (TUCHMAN, 1999), e como ela é ainda mais essencial no conteúdo informativo e nas ações nas quais os jornalistas são questionados a partir de sua atuação profissional.

Destaca-se, por fim, que a opção quase exclusiva do gênero informativo para narrar a agressão aos jornalistas não é fortuita ou acidental. É sobretudo um reforço ao próprio jornalismo, enfatizando que a confiabilidade das notícias se mantém mesmo quando está sob ataque. A repetição destas agressões, mostra que a relação entre a política e o jornalismo no Brasil está se tornando ainda mais tensa, e caminha para radicalizações e acusações que tendem a afetar o próprio *status* do jornalismo.

## Referências

MONNERAT Alessandra. **Após ser agredido em ato pró-Bolsonaro, fotógrafo do Estadão é alvo de boatos**. O Estadão. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/apos-ser-agredido-em-ato-pro-bolsonaro-fotografo-do-estadao-e-alvo-de-boatos/>>. Acesso em 12 Jul 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1993.

CANOFRE, Fernanda. **Cinegrafista de afiliada da Globo é agredido durante reportagem sobre coronavírus em MG**. Folha de S. Paulo. 21/05/2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/cinegrafista-de-afiliada-da-globo-e-agredido-durante-reportagem-sobre-coronavirus-em-mg.>>. Acesso em 12 Jul 2020.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquem e d'alem mar**. Travessias para uma nova teoria de gêneros. São Paulo: Summus, 2008.

FARIAS, Victor. **Jornalistas são agredidos em manifestação a favor de Bolsonaro em Brasília**. Jornal O Globo 03/05/2020/ Atualizado em 04/05/2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/jornalistas-sao-agredidos-em-manifestacao-favor-debolsonaro-em-brasilia-24408203>>. Acesso em: 12 jul 2020



FAUSTO NETO, Antônio; ROCHA, Sibila; ALLI, Flavia; BOZZETTO, Laís; ISAIA, Letícia Sarturi; VALLEJOS, Maitê. **(Re) Visitando os conceitos de contrato de leitura: Uma proposta de entendimento dos pontos de vínculo entre emissor/ receptor da sociedade dos meios para sociedade midiaticizada.** Anais do Congresso Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Novo Hamburgo, RS. 17 a 19 de maio de 2010.

RONAN, Gabriel. **Jornalista é agredida com bandeira por bolsonaristas em manifestação; veja.** Jornal Correio Braziliense. Disponível em: <[https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/17/interna\\_politica,855827/jornalista-e-agredida-com-bandeira-por-bolsonaristas-em-manifestacao](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/17/interna_politica,855827/jornalista-e-agredida-com-bandeira-por-bolsonaristas-em-manifestacao)>. Acesso em: 12 Jul 2020.

JODELET, Denise. (Ed.) **Les Representations Sociales.** Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

KAYSER, Jacques. **Une semaine dans Le Monde:** étude compare de 17 grands quotidiens pendant 7 jours. Paris: Unesco, 1953.

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo.** São Paulo: FTD, 1992

MARQUES DE MELO, José. **Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos.** Anais do Congresso Intercom– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2215-1.pdf>. Acesso em 20 Jul 2019.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

NEGRÃO, João José de Oliveira. **Jornalismo e a construção da hegemonia.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p.129, 2005. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/negrao-joao-jornalismo-construcao-hegemonia.pdf>

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos:** Proposta de novos critérios de classificação. Covilhã, Portugal: Lab Com Books, 2009.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato** - notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem:** Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo; Summus, 1986.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo:** questões, teorias e 'estórias'. Lisboa: Vega, 1999. p. 74 a 90.